

O JOGO PERFEITO

J. STERLING

O JOGO PERFEITO

Tradução de CARLOS SZLAK



COPYRIGHT © 2012, BY J. STERLING

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2014

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Tradução **CARLOS SZLAK**

Preparação de textos **TUCA VIEIRA**

Revisão **MÔNICA VIEIRA / PROJECT NINE**

Projeto gráfico e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Capa original **MICHELLE PREAST**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sterling, J.

O jogo perfeito / J. Sterling ; [tradução de Carlos Szlak].

— 1. ed. — São Paulo : Faro Editorial, 2014.

Título original: The perfect game.

ISBN 978-85-62409-16-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-04065

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2014


Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



*Este livro é dedicado a todo garoto que já gostou de um esporte...
E para toda garota que já amou esse garoto.*

capítulo 1

— **CASSIE, VOCÊ ESTÁ PRONTA?** — Melissa, a amiga com quem eu dividia o apartamento, perguntou do corredor.

— Quase, Melis. Só mais um minuto — respondi.

Pela última vez, ajeitei meus cabelos lisos e loiros, tentando, em vão, avolumá-los. Realmente, a regata roxa combinava com o verde dos meus olhos. Uma última camada de rímel nos cílios e pronto!

— Perfeito — disse, admirando o modo como o jeans de cintura baixa acentuava as curvas do meu bumbum.

— Se você está tão perfeita, então vamos! — Melissa estava agora parada na porta do meu quarto.

— Meu Deus, garota. Não vamos a uma festa de formatura. — Comecei a caminhar na direção de minha amiga nervosinha, que já se afastava. Parei à porta, decidida a não me apressar. — É só uma festa do centro acadêmico. Não tem hora marcada, sabe?

— Não vai sobrar nenhum cara descolado pra nós. — Melissa fez beicinho.

Não consegui deixar de rir.

— É uma festa do grêmio, Melis. Não tem caras descolados.

— Eu odeio você! — Melissa fechou a cara, jogando para trás os ondulados cabelos castanhos.

— Vamos. — Sorrindo, eu a abracei.

Conhecia Melissa desde a escola secundária. Ela se mudou para cá logo depois de nossa formatura no Ensino Médio, mas eu fui obrigada a cursar a faculdade comunitária.

— Você tem de fazer algumas matérias nos dois primeiros anos. É mais barato — minha mãe insistira.

Assim, fiquei perto de casa, enquanto os pais de Melissa pagavam com muita alegria todas as suas despesas na Fullton State.

Após os dois anos do curso básico, candidatei-me a três universidades do sul da Califórnia, e fui aceita em todas elas. De imediato, soube para qual preferia me transferir. Não só minha melhor amiga estava na Fullton, mas ela também oferecia os melhores cursos de fotojornalismo do estado, com uma revista e um jornal estudantis premiados. E como minha especialização era fotografia, a escolha foi fácil.

Os pais de Melissa disseram que devíamos dividir um apartamento e que eles faziam questão de arcar com todas as despesas. Afinal, embora meus pais não fossem tão pobres, não tinham a mesma condição financeira dos pais dela. Eles alegaram que a faculdade já era cara sem todas as despesas extras, e, então, pagaram o aluguel do apartamento antecipadamente, incluindo os meses das férias de verão. Lembro-me de que meu pai prometeu ressarcir-los durante uma das diversas discussões anteriores à mudança, Melissa e eu nos entreolhamos, sabendo que o reembolso jamais se tornaria realidade.

Os pais de Melissa sempre foram muito generosos comigo. Mas, nessa ocasião, de novo se inteiraram das muitas vezes em que meu pai me prometera algo e não cumprira. Em mais de uma oportunidade, a mãe de Melissa foi o ombro em que chorei e os ouvidos para os quais desabafei minhas decepções e frustrações. Eu tinha a intenção de começar a reembolsá-los assim que me formasse e abrisse meu negócio de fotografia.

Durante nossa caminhada de cinco quarteirões até a sede do centro acadêmico, sentia o calor da noite sobre minha pele.

— Essa regata de alcinha ficou linda em você — Melissa elogiou com um sorriso delicado.

— Ficou, não é? — Sorri também, olhando para baixo, para a regata justa que realçava minha cintura fina. — E você parece tão incrível como sempre. — Pisquei para Melissa e dei um tapinha no traseiro dela, protegido por uma minissaia preta.

Melissa era bonita de verdade. Os cabelos castanho-escuros contrastavam com o azul dos olhos, chamando muita atenção. Apesar da estatura baixa, parecia uma modelo de capa de revista, com traços faciais impecáveis e um corpo de tirar o fôlego. Éramos justamente o oposto, por causa de meu um metro e setenta e dois de altura e da desproporcionalidade do meu corpo. Traseiro, cintura e seios... Uma total incompatibilidade de tamanhos.

Mas o conjunto funcionava em mim. E eu tirava proveito.

O som do *hip-hop* tomou conta do ambiente.

— Ah, eu adoro essa música. Vamos dançar! — Agarrei a mão de Melissa e arrastei minha amiga para mais perto do som.

— Você sempre quer dançar — disse Melissa, denotando aborrecimento.

— Eu danço bem. E esse meu traseiro... você sabe do que ele é capaz. — Comecei a remexer meus quadris no caminho de acesso para a sede do centro acadêmico, que estava lotado de gente.

— Ah, não. Pare, por favor.

Ri e, então, reduzi o ritmo do rebolado quando percebi a quantidade de olhares provocativos na minha direção. Odiava ser observada daquele jeito. *Eu sei, eu sei. Sou uma maldita hipócrita.*

Examinei a multidão e me detive, de repente, num par de olhos deliciosos, cor de chocolate. O fato de que os olhos pertenciam a um dos rostos mais belos que já vi era meramente um bônus. O rapaz passou os dedos pelos cabelos negros até que eles alcançassem o rosto bronzeado. Sorriu de forma preguiçosa para mim, e eu senti um arrepio percorrer meu corpo.

— Você não está olhando para ele, está? — Melissa parou na minha frente, quebrando o contato visual.

— Ei, sai daí! — pedi, mas em vão.

— Você não sabe quem ele é, Cassie?

— Não faço a menor ideia. Do contrário, estaríamos namorando.

— Jack Carter não namora. Ele transa com as garotas e com todas as amigas delas.

— Então, esse é o famoso Jack Carter? — perguntei, fascinada. O nome dele era comentado em toda a faculdade.

— O próprio — Melissa respondeu.

— Ele é tão bom quando dizem?

Todos falavam que Jack seria contratado por algum time das ligas de beisebol profissional.

— Sem dúvida o ego dele acha isso — afirmou Melissa.

— Típico.

Se há algo que conheço são atletas. Todos são iguais. Supersticiosos, convencidos, inseguros, egocêntricos. Sim, reconheço que as palavras são contraditórias. Em sua maioria, são garotos um tanto normais, mas simplesmente se escondem atrás de um muro de tijolos, construído inteiramente sobre o ego. Além disso, não conseguem se comportar de outra maneira. Foram jogadores de beisebol durante toda a vida; não sabem ser outra coisa.

— Jack Carter é um pegador, Cass. Você precisa ficar longe dele. Do contrário, acabará se dando mal.

— Não se eu ferrá-lo primeiro — disse.

— Você não vai conseguir. Nenhuma garota é capaz de ferrar Jack Carter. Fique longe dele. Prometa. — Melissa me fuzilou com o olhar, para demonstrar que falava sério.

— Prometo que ficarei longe dele — obedeci, com um tom de voz pouco sincero.

— Depois não diga que não avisei — Melissa advertiu, começando a se mover entre a multidão.

Vi quando Jack estendeu o braço na direção dela, tentando detê-la. Mas Melissa seguiu em frente, pisando firme, do jeito que sempre fazia quando estava irritada. Jack abriu um sorriso largo quando Melissa alcançou a porta da sede do centro acadêmico e entrou.

Então, Jack começou a vir na minha direção. A bermuda cargo preta e a camiseta cinza justa combinavam bem com seu porte físico de um metro e oitenta de altura. Os músculos dos braços marcavam o tecido, acentuando os ombros bem definidos. Ele inclinou a cabeça para baixo e estreitou os olhos como se eu fosse alguém muito pequena e indefesa, que não tinha a menor ideia de que estava prestes a ser devorada viva pelo animal mais belo e perigoso da selva.

Quase me senti violentada. Suja. Com a necessidade de tomar um banho para limpar meu corpo daquele olhar.

Só quando Jack chegou bem perto consegui ler o que estava escrito em sua camiseta *No Glove, No Love**, com a imagem de uma luva de beisebol no meio.

* Em tradução livre: "Sem proteção, sem amor." Numa alusão à camisinha. (N. do E.)

Que cara marrento.

— Então, você é a amiga de Melissa? — Jack indagou, com a voz grave e sexy.

— Você é um gênio — disse, buscando minha entonação mais desinteressada.

— Ei, calma! Só quero conhecê-la. — Ele me encarou. — Você tem belos olhos.

— Bela camiseta. — Olhei-o rapidamente de cima a baixo, tentando encobrir o fato de que queria rir. Era uma frase inteligente, mas entraria numa fria se admitisse isso para um sujeito como ele.

Jack olhou para baixo e deu um sorriso forçado.

— Ah, você gostou? Acho que estou transmitindo uma mensagem responsável, não?

Fiquei calada, questionando se algo dito por ele era verdadeiro ou não.

— O que houve? Ficou muda? Você não acredita em sexo seguro?

— O que você quer? — Fui mais dura do que pretendia.

— Já lhe disse: só quero conhecer você. Sou Jack Carter. — Ele estendeu a mão e eu não correspondi, mantendo meus braços firmemente cruzados.

— Sei quem você é. — Fingi desinteresse.

Ele era belo e encantador. E um machista da pior espécie. *Meu Deus, o que há de errado comigo?*

— Bem, o que você sabe a meu respeito, gatinha?

— Não me chame de gatinha. Pareço uma *stripper* para você? — falei, sentindo certo asco.

Ele me observou de cima a baixo e, depois, repetiu o gesto.

— Bem, agora que você disse isso...

— Você é um imbecil. — Fiz menção de me afastar dele, mas Jack me agarrou.

Soltei-me com força.

— Cada vez que você encostar a mão em mim, vai lhe custar cinquenta centavos. Não faça isso de novo.

— Ah, então você não é uma *stripper*. Você é uma prostituta.

— Além de imbecil, você é um bosta. — E fui me afastando dali.

— Gostei de você — Jack disse.

— Então, você também é um otário. — Virei na direção dele e lhe lancei um olhar furioso. — Acrescentarei isso na lista de suas diversas qualidades.

Escutei-o dar uma risada antes de eu entrar no prédio em busca de Melissa. Finalmente, encontrei-a no quintal, bebendo algo num copo de plástico vermelho e conversando com algumas pessoas que eu não conhecia. Apareci ao lado dela de modo sutil mas repentino.

— Meu Deus, Cass, o que ele disse para você? — Melissa quis saber, levando-me a um canto vazio, no quintal.

Peguei uma bebida numa mesa próxima e olhei em volta, expressando impaciência.

— Nada. O sujeito é um babaca.

— Eu lhe disse. — Melissa sorriu e deu de ombros. — Bem, Jack já se esqueceu de você. Veja.

Melissa apontou para uma janela aberta onde se podia ver que Jack beijava uma loira escassamente vestida. Uma das mãos dele pegava o traseiro dela, enquanto a outra puxava a cabeça da garota para si. Fiz uma expressão de desgosto diante dessa exibição obscena.

— E daí? Ele nunca mais voltará a conversar com ela? — perguntei, procurando entendê-lo.

— Não, ele vai conversar. — Melissa se voltou para mim. — Quer dizer, a menos que ela fique de saco cheio dele... Mas Jack não vai querer ficar com ela de novo. Jack jamais fica com a mesma garota duas vezes.

— E as garotas... sabem disso? — Estava chocada. *Sem brincadeira, aquelas garotas não tinham autoestima?*

— Elas sabem.

— Patético. — Fechei a cara e olhei na direção de Jack, no exato instante em que ele levava a garota sorridente pela mão.

Foi assim que conheci Jack Carter. O maldito Jack Carter.

A próxima grande estrela do beisebol. Consta que ele era capaz de arremessar a bola a cento e cinquenta quilômetros por hora. É uma velocidade e tanto. Ainda mais para um canhoto. E isso não se aprende. Você tem o dom ou não.

Pelo visto, Jack tinha esse dom. Tanto no campo de beisebol quanto em outros.

Dois dias depois, fui até o centro acadêmico, dando uma olhada rápida e panorâmica entre as pistas de boliche e o bar, em busca de Melissa. Todos do *campus* pareciam se reunir ali, pois era onde ficava a única pizzaria. Quando se tratava de faculdade e alunos de faculdade, pizza parecia ser a opção preferida de todos.

Melissa me viu e acenou com as mãos de modo frenético. Ela parecia uma louca, e isso me fez gargalhar. Acenei de volta e, em seguida, peguei uma bandeja, paguei meu almoço e comecei a me dirigir até a mesa onde Melissa estava sentada.

— Gatinha.

A voz grave e provocante deteve meus passos. Meu sorriso sumiu. Virei-me na direção da origem do comentário com repulsa e, fuzilando Jack com o olhar, disse:

— Não gosto de gatos.

Jack colocou o boné de beisebol sobre a cabeça e enfiou os cabelos negros debaixo dele. Fiquei quase hipnotizada quando ele deslizou os dedos distraidamente pelo bordado branco das iniciais de nossa faculdade. Peguei-me observando a maneira pela qual a camiseta azul se ajustava aos músculos de seus braços e ombros. Odiava o fato de ele ser tão bonito.

— Não sabia. Mas fico satisfeito de saber. — Jack sorriu, revelando as covinhas das bochechas, que quase me fizeram perder o fôlego.

Tentei seguir na direção de Melissa, que me observava com curiosidade, mas Jack se interpôs no meu caminho com seu corpo másculo. Rapidamente, desviei-me para a direita, mas ele se deslocou também e impediu meu avanço. Então, dei um passo para a esquerda, e ele voltou a me bloquear.

— O que você quer, Jack? — perguntei com uma raiva que surpreendeu tanto a mim quanto a ele.

— Você é sempre tão hostil? — Jack respondeu com outra pergunta, mas com um sorriso bem provocador.

— Só em relação a caras como você.

— Então me diga, gatinha, o que é *um cara como eu*?

— Não vou perder meu tempo tentando responder à sua pergunta. — Forcei a passagem, empurrando minha bandeja contra o corpo dele, evitando derramar meu refrigerante.

Quando Jack deixou escapar um *oof*, passei por ele.

— Você vai mudar de ideia — Jack afirmou em voz alta.

— Eu não teria tanta certeza.

Corri até a mesa onde estava Melissa, depusitei minha bandeja de comida sobre a mesa e me sentei.

— Bela cena. — Minha amiga tentava controlar a risada.

— Quê?

— Olhe em volta. — Melissa apontou as pessoas com um gesto de mão.

Percorri com os olhos o bar e as demais mesas. Todos olhavam para mim ou para Jack. *Beleza*. A última coisa que eu queria era que toda a faculdade achasse que eu era a última conquista de Jack Carter.

— Ele é sempre tão insolente? — Abri o pote de meu iogurte de framboesa.

— Não sei, Cass. Nunca o vi agindo dessa maneira antes, se é isso o que você quer saber.

— Não sei o que quero saber. — Irritada e aborrecida, examinei o recinto com o olhar, em busca de Jack.

Sentado a uma mesa, ele estava cercado por algumas garotas bobinhas, que jogavam os cabelos para trás, tocavam em seus músculos e riam de qualquer coisa que ele dizia. Por instantes, nossos olhares se cruzaram, e eu senti o coração bater um pouco mais rápido.

— Meu Deus! Como nunca percebi esse espetáculo antes? — comentei.

— Sinceramente, não sei. Acontece todos os dias. — Melissa deu risada.

— Essas garotas não têm vergonha. Sinto-me quase constrangida por elas.

— Todas torcem para ser aquela pela qual ele realmente vai se apaixonar — Melissa disse, enquanto cortava um pedaço de sua fatia de pizza de mussarela.

— Boa sorte, garotas! — Fingi uma saudação e, em seguida, dirigi a atenção ao meu iogurte.

A curiosidade venceu quando escutei gritos e o ruído de cumprimentos espalhafatosos. Olhei para a mesa de Jack e vi um garoto quase da mesma altura e físico de Jack sentando-se perto dele.

— Quem é ele? — perguntei para Melissa.

— O que acabou de se sentar? É Dean... O irmão mais novo de Jack. Ele é calouro.

— Como você sabe disso? Você está parecendo um quem é quem da escola — caçoei.

— Dean faz uma matéria comigo.

— Ei, como isso é possível se ele é um calouro?

— Ainda faço duas aulas do nível básico. Dean é muito legal. Nada parecido com o irmão — Melissa revelou, com um sorriso e um olhar sonhador.

— Ah, meu Deus, você gosta dele!

— Eu não — Melissa murmurou, na defensiva. — Mal o conheço. Só estou dizendo que ele não tem nada a ver com o irmão.

— Certo, acalme-se. Tudo bem gostar do irmão mais novo de Jack Carter. — Olhei para Dean, admirando seu sorriso, mas percebendo a falta das covinhas que embelezavam o rosto do irmão. — Ele é bonitinho. — Cutuquei o ombro de Melissa.

— Também acho — Melissa afirmou, também olhando para Dean.

— Menos mal que você goste do irmão gente boa — disse, sorrindo.

— Como se eu fosse gostar de Jack... Ele é nojento!

— Já sei disso — garanti, pegando outra colherada de iogurte.

— Juro por Deus, Cassie, se você acabar se apaixonando por esse babaca, não quero ficar sabendo. Você acabou de chegar aqui, e eu já conheço Jack há dois anos. Ele é um mulherengo da pior espécie. — Melissa se calou e deu uma mordida em sua banana.

— Tudo bem, Melis. Já sei: evite Jack Carter. Mas nem precisava me dizer. Não pretendo chegar perto dele.

Sorrimos, momentaneamente satisfeitas com minha promessa.

Capítulo 2

O SOL ME AQUECEU QUANDO SAÍ do prédio da Escola de Comunicações e Artes. Uma leve brisa me alcançou enquanto observava os estudantes circulando. Alguns se dirigiam para as salas de aula, e outros procuravam áreas ensolaradas sobre o gramado. Sorri ao passar por um garoto de cabelos longos, tocando violão. Todos os dias ele tocava sob a mesma árvore, e comecei a me perguntar se era um estudante ou se simplesmente gostava de frequentar o *campus*.

Passei ao lado da livraria da universidade, anotando mentalmente a necessidade de adquirir dois livros para os exames que eu teria pela frente.

O centro acadêmico estava cheio de gente quando entrei. Logo percebi a presença de Jack e seu harém de fãzocas. Não conseguia entender como nunca percebera aquilo antes, mas, agora, era só o que eu notava. Ele flexionava os músculos para duas garotas, que soltavam gritinhos histéricos quando pegavam em seu bíceps. Escutei Jack dizer “Segurem-se!” quando ele as ergueu no ar. Fechei a cara quando Jack demonstrou, em câmera lenta, seu movimento de arremesso de uma bola de beisebol, para o deleite das meninas.

— Ele tem a mania de querer ser o centro das atenções — comentei, sentando-me na frente de Melissa.

— Então, pare de prestar atenção nele.

— Isso é muito difícil. Jack está sempre promovendo um espetáculo.
— Indiquei com a mão o bando ruidoso das garotas que acompanhavam cada movimento dele.

Uma voz grave interrompeu minhas críticas contra Jack:

— Oi, Melissa.

— Ah... Oi, Dean — Melissa respondeu, com a voz suave e doce.

Dei uma rápida e discreta espiada em minha amiga e sorri para mim mesma.

— Posso me sentar com vocês? — Dean perguntou, sem tirar seus olhos castanho-claros de Melissa.

— Lógico! Somos uma companhia muito melhor do que a da mesa de seu irmão — Melissa caçoou.

Ele deu uma olhada na direção de Jack, fazendo um gesto negativo com a cabeça.

— Às vezes enche o saco, sabe? — Dean colocou um prato com uma fatia de pizza sobre a mesa e se sentou. — Oi, sou Dean.— Estendeu a mão para mim.

— Sou Cassie, amiga de Melissa. Dividimos um apartamento — apresentei-me, apertando a mão dele.

— É um prazer...

— Dean! O que você está fazendo aqui?— A voz quente de Jack ecoou pelo recinto.

Senti o estômago revirar, ergui o olhar e percebi que ele me encarava. De imediato, assumi uma expressão de contrariedade.

— Oi, gatinha. Vejo que você conheceu meu irmãozinho. — Jack piscou antes de pôr seu braço sobre o ombro de Dean.

— Graças a Deus ele não se parece nem um pouco com você. Talvez eu seja capaz de suportá-lo. — Inclinei a cabeça, sorri e mordi meu sanduíche de peru.

Notei que Melissa e Jack trocaram um olhar de zombaria e senti vontade de chutar Melissa sob a mesa. A última vez que fiz isso deixou uma mancha roxa na canela dela, e Melissa não falou comigo durante dias. Assim, me contive.

— Exercícios físicos liberariam essa sua agressividade. Poderíamos malhar juntos — Jack disse, com um sorriso sexy.

Minha boca estava cheia, mas não deixei isso me deter:

— Preferiria comer o pão que o diabo amassou.

— Eu queria ver isso. — Jack deu uma risada e as covinhas apareceram nas bochechas dele.

— Por que você não vai torturar outra pessoa? — implorei, mordendo meu sanduíche antes de afastar o olhar.

— Porque gosto de torturar você. — Jack sorriu ironicamente e se moveu para se sentar perto de mim.

— Ah, não! — Joguei minha bolsa bem onde ele estava prestes a acomodar seu traseiro perfeito.

— Por que tanta fúria, gatinha? — Jack se deteve diante de mim.

— Por que tanta aporrinhção, imbecil? — indaguei, imitando seu tom de voz.

Jack se aproximou ainda mais de mim e disse:

— Você vai mudar de ideia. Você vai ver. Garanto que não vai ser capaz de resistir para sempre.

Tive vontade de cuspir o que estava mastigando na cara arrogante dele. A ideia de fazer isso me fez rir, e, sem querer, um pedaço de sanduíche ficou preso na minha garganta, e eu engasguei. Enquanto me esforçava para engoli-lo, Jack se afastou, dando risada.

— Sinto muito pelo meu irmão. Na realidade, ele não é um imbecil — Dean disse em defesa de Jack, com sinceridade.

Tossi para limpar minha garganta e peguei um guardanapo.

— Ele está fingindo ser um?

— Algo assim. Não o leve tão a sério. Jack só está se divertindo com você.

— Mas eu não estou me divertindo. — Esbocei um sorriso amarelo.

— Está, sim. E ele sabe disso — Dean acrescentou, com uma expressão que misturava segurança e conhecimento.

Não respondi à afirmação de Dean, porque não queria lhe dar certeza de que estava certo... ou errado. No momento em que mordi outro pedaço do sanduíche, Jack voltou à nossa mesa. Pega de novo com a boca cheia, eu não podia falar nada. Assim, só o fuzilei com o olhar.

Jack enfiou um guardanapo na minha mão e se afastou sem dizer uma palavra. Comecei a desdobrá-lo. Estava escrito “Número 23 no campo, número 1 no seu coração”, seguido por alguns números escritos com tinta preta. No mesmo instante, amassei-o e joguei dentro da minha bolsa.

— O que era? — Melissa quis saber, interrompendo meus pensamentos.

Engoli em seco, e respondi:

— O número do telefone dele, acho. Não vi bem.

— Ele deu o número para você? — Dean demonstrou surpresa.

— Acho. Talvez eu esteja errada. Vou ver mais tarde.

De repente, fiquei constrangida com a possibilidade de Jack ter dado seu número para mim, quando talvez não fosse o número dele.

Melissa virou-se para Dean:

— Por que o espanto?

— Jack não dá seu número de telefone. Não faz sentido para ele. — Dean direcionou o olhar para Jack, que, agora, estava sentado a algumas mesas de distância.

— Ele tem um celular, não? — Melissa perguntou.

— Sim... Por quê?

— Então, é possível identificar as chamadas dele.

— O número dele é privado. Não é possível detectar.

— Sério, Dean? Quem faz isso? — Melissa balançou a cabeça.

— Alguém que teve de mudar o número quinze vezes no colégio porque o telefone nunca parava de tocar ou de receber mensagens de texto.

— Quinze vezes?! — exclamei, num volume muito mais alto do que pretendia.

— Talvez até mais. Era uma loucura. As garotas postavam o número dele na internet e, então, a caixa postal ficava cheia em apenas um dia. E quando ele não respondia, elas começavam a ligar para mim, procurando por Jack.

— Caramba! — Melissa deu risada.

— Por isso fiquei surpreso com o fato de ele dar o número para você. Jack não o dá para ninguém — Dean afirmou.

— Bem, como eu disse, posso estar enganada.

— Sendo assim, pegue o papel e o leia agora. — Melissa apontou para minha bolsa.

— Não. — Eu me sentia muito constrangida. — Não agora, enquanto ele está por perto. Mais tarde.

Levantei-me da mesa, peguei minha bolsa e minha bandeja, e passei, com indiferença, por Jack e seu grupo de admiradoras. Escutei o ruído de vozes femininas quando ele se levantou e me alcançou.

— Espero que você me ligue, gatinha.

— Tenho certeza de que você espera muitas coisas — afirmei rudemente, recusando-me a olhar para ele enquanto me afastava.

— Venha ver meu jogo esta noite — Jack pediu em voz alta quando abri as portas de vidro.

— Acho que não. — E virei-me para ele antes de sair.

— Você não quer ver meu arremesso?

Inclinei a cabeça, segurando a porta aberta com um braço.

— Eu já vi seu arremesso. Em câmera lenta, lembra? Acho que captei a essência.

A porta de vidro se fechou atrás de mim, e me dirigi para minha próxima aula, perguntando-me até quando seria capaz de resistir a Jack.



Abri a porta de nosso apartamento de dois quartos, com o cheiro da fritura do bacon matinal ainda pairando no ar. Cartas e trabalhos escolares estavam espalhados sobre nossa mesa, e acrescentei minha mochila à bagunça.

Melissa via televisão sentada em nosso sofá em forma de L, comendo uma tigela cheia de queijo *cottage* e uvas verdes. Sorri ante aquela combinação estranha e me dirigi à cozinha, pegando uma garrafa de água da geladeira e algumas batatas chips do armário.

Tomei um gole de água para me hidratar.

— Então, vamos ao jogo de beisebol de hoje à noite? — Melissa perguntou.

Pega de surpresa, deixei a água que estava em minha boca cair no tapete.

— Droga! — Sorri, peguei um pano e me curvei para secar o tapete. — Você pode ir. Eu vou ficar aqui.

— Cassie, toda a escola vai aos jogos de beisebol. Principalmente quando Jack joga. É um espetáculo, sério.

— Como assim? — quis saber, jogando o pano molhado na pia.

— Bem, muitos caça-talentos estarão presentes em busca de novos jogadores. Assim como jornalistas de todos os jornais e tvs locais. Você tem de ver. Mesmo se for só a um jogo, Cassie, terá de ser um no qual Jack participa. Além disso, você pode tirar algumas fotos bem legais para aquela revista, *Tuck*.

Eu me animei com a ideia de fotografar o novo estádio e os torcedores da universidade.

— A revista se chama *Trunk* — corrija, referindo-me à publicação dos alunos da universidade. — E alguém já foi escalado para cobrir o time de beisebol. Mas eu preciso tirar fotos noturnas.

— E também pode tirar fotos de ação — Melissa acrescentou, com um sorriso maroto.

— Três horas atrás você odiava Jack Carter, e agora parece ser a maior fã dele. O que está acontecendo?

— Querida, Jack Carter, como pessoa, é nojento, e deve ser evitado a todo custo. Jack Carter como jogador de beisebol é incrível, e deve ser observado sempre que possível. Percebe a diferença?

— Os dois são a mesma pessoa. — Achei graça da lógica maluca de Melissa. — Você só disse isso para eu ir ao jogo.

— Então, você vem comigo?

Respirei fundo e fechei os olhos.

— Sim, vou com você — prometi, esforçando-me para parecer desapontada.

Os gritinhos de satisfação de Melissa encheram o ar. A expectativa de ver Jack em ação despertou certa excitação em mim. Não queria sentir isso, mas não consegui evitar.

capítulo 3

NOSSO APARTAMENTO FICAVA a apenas algumas quadras do *campus*. Assim, íamos a pé a todos os lugares que podíamos. Em geral, era muito mais fácil do que lidar com a questão do estacionamento. Havia muitos carros, e os números de vagas jamais eram suficientes. Sem mencionar o fato de que o cartão de estacionamento semestral tinha um custo maior do que o da minha primeira câmera fotográfica. Esse foi, em parte, o motivo pelo qual meus pais se recusaram a deixar que eu trouxesse meu carro para a faculdade.

As torres de refletores do estádio, iluminando em todas as direções, logo chamaram minha atenção. Parei e me ajoelhei, desenrolando a alça preta da câmera do meu pulso. Tirei a tampa da lente e a coloquei no bolso da calça jeans. Melissa, acostumada com meus hábitos fotográficos, já dera minha falta, e, em silêncio, aguardava por mim.

Levei o visor ao olho direito e fechei o esquerdo. Afastando os cabelos para longe dos olhos, direcionei a lente para pegar apenas o topo do estádio de beisebol, com as luzes e o céu iluminado como pontos focais. Ajustei manualmente o foco e a velocidade. Pressionei o botão de disparo do obturador e escutei o som familiar de *clique!*, que adorava. Satisfeita com a visualização na tela, levantei-me e caminhei na direção de Melissa.

— Boa foto?

— Veremos — disse, pegando a tampa da lente no bolso.

Ainda estava aprendendo a usar minha nova câmera digital. Economizara durante dois anos para adquiri-la, guardando cada centavo do dinheiro de Natal e aniversário dado pelos parentes, e fazendo alguns pequenos trabalhos de fotografia para negócios locais e alunos veteranos do colégio. Muitas vezes, achava que a foto na pequena tela de visualização da câmera parecia boa, mas descobria que estava tremida ou não tão boa assim quando a visualizava ampliada no monitor do computador. Mas estava aprendendo.

Caminhamos lado a lado até a entrada do estádio. Melissa não brincava quando disse que era um espetáculo. A fila para comprar ingressos era maior que o comprimento do campo, e se estendia até a área de estacionamento. Enfim, entramos no estádio, tirei a tampa da lente de novo, hipnotizada pelo mar de laranja e azul-escuro no qual mergulhávamos. Todos estavam enfeitados com as cores de nossa faculdade; alguns usando camisas de beisebol com os nomes dos jogadores estampados nas costas. Ri comigo mesma com a quantidade de camisas com a inscrição “Carter 23”, e não resisti a fotografar algumas.

— Cassie, venha! Você pode fazer isso depois de nos sentarmos. — Melissa verificava os números dos assentos em nossos ingressos.

Eu a segui, obediente.

— A maioria dos estudantes não se senta nas arquibancadas? — Apontei para o lado esquerdo do campo.

— Depende do que se está querendo ver.

— Ah, não... O que você fez? — Minhas pernas começaram a tremer ao ver Melissa descendo a escadaria até a primeira fila de assentos, a mais próxima do campo.

Melissa se virou e abriu um sorriso largo.

— É nesta fila — ela avisou, procurando o assento e olhando para a esquerda, na direção do abrigo do time.

Também virei a cabeça e notei que estávamos muito próximas do abrigo.

— Desculpe, Melissa, mas não vou me sentar aqui.

— Vai, sim. São nossos assentos. Todos os outros foram vendidos. — Melissa sorriu com inocência e deu um tapinha no assento vazio ao seu lado.

Fiz cara feia.

— Ao menos troque de assento comigo. Não quero ficar tão perto do abrigo dos jogadores.

— Tudo bem — Melissa concordou.

Acomodei-me a contragosto e me afundei no assento, tentando me esconder atrás do corpo franzino de Melissa.

— Não queria que Jack soubesse que estive aqui. Agora não vai ter jeito de ele não me ver.

— Pare de pensar tanto nisso.

— Você tem razão. — Suspirei, perguntando-me quanto tempo teria de permanecer naquela situação. Evitava olhar para qualquer lugar perto do abrigo da equipe, com receio de quem talvez estivesse olhando para mim.

— Ele não pode vê-la, Cass. Você pode olhar para o abrigo. Poderá até fotografá-lo, se quiser. Ele não verá — Melissa disse, com uma expressão séria.

— Como assim? — perguntei da maneira mais ingênua possível.

— Porque Jack está totalmente focado no jogo. Ele não observa a torcida. Nunca. No ano passado, uma garota tirou a regata e gritou o nome dele como uma louca. Jack não moveu um músculo para olhar na direção dela. Poderia jogar você numa fogueira, e ele nem notaria.

— Por favor, não teste essa teoria. — E soltei uma sonora gargalhada.

— Olhe em volta, Cassie. Tenho certeza de que isso é a única coisa na vida que Jack leva a sério. — Melissa se recostou no assento, tomando um gole do refrigerante que acabara de comprar de um vendedor ambulante.

Percorri com o olhar a multidão e avistei muitos caça-talentos das ligas de beisebol profissional nos bancos reservados a eles, próximos de nós. Cada um carregava seu próprio radar portátil para medir a velocidade dos arremessos de Jack, além de tablets para registrar tudo. Diversas câmeras de televisão e máquinas fotográficas da imprensa estavam alinhadas sobre tripés atrás da base do rebatedor. Era a coisa mais próxima de um circo midiático que eu já vi. E eu portava minha própria câmera profissional, o que fazia com que eu me encaixasse em toda aquela loucura.

A voz do locutor se fez ouvir em todo o estádio, enquanto a gritaria pouco a pouco diminuía de volume:

— Senhoras e senhores, bem-vindos ao Fullton Field! Aqui, para cantar o hino nacional, está a aluna Laura Malloy, da Fullton State!

Laura sorriu, nervosa, antes de fechar os olhos e cantar os versos iniciais numa afinação perfeita.

Instintivamente, peguei minha câmera e ajustei a lente, focalizando as emoções do rosto dela, e tirei diversas fotos. Quando Laura terminou de cantar o hino, encaminhou-se até os jogadores perfilados ao longo da terceira base e sorriu para Jack. Em segredo, fiquei contente quando ele não correspondeu ao sorriso.

— Temos um estádio totalmente lotado esta noite, galera, e todos sabemos o porquê! Quem assumirá sua posição no monte do arremessador contra nossos adversários da Flórida é o único e inigualável Jack Carter! — O locutor anunciou o nome de Jack como se fosse o redentor do mundo livre, como se tivesse descoberto a cura do câncer, ou como se ele pintasse um arco-íris em um céu sem cor.

Melhor: o nome de Jack foi anunciado como se ele fosse um *herói*.

E, de certo modo, ele era. Jack atraía a atenção da mídia para a universidade e trazia reconhecimento para o time de beisebol. Isso se convertia em faturamento para a universidade, e todos os talentos promissores do beisebol queriam jogar aqui. Jack era a nossa máquina de marketing.

A universidade o venerava. Não só as garotas do *campus* queriam ficar perto dele, mas todo mundo. Até esta noite, eu jamais percebera o grau de sua popularidade.

— Agora, entrando em campo, o time do Fullton State Outlaws! — O locutor fez uma pausa antes de prosseguir: — E, assumindo sua posição no monte do arremessador, Jack Carrrrrrrr!

O estádio irrompeu em gritos, berros, aplausos e assobios. Olhei para Melissa, pasma com tudo aquilo, e ela sorriu para mim.

Jack caminhou com confiança até sua posição, no centro do campo, com a calça listrada azul e branca apertando seu corpo nos lugares certos. Observei os músculos de sua coxa contraírem-se a cada passo, e admirei quão bem seu traseiro se ajustava no uniforme. Infelizmente, seu tronco ficava escondido sob a camisa folgada azul-escura com letras laranja e brancas.

A expressão de Jack parecia diferente, mais focada. Não era a do garotão alegre do centro acadêmico. Era a de um jogador de beisebol confiante e sério.

— Do que você está rindo? — A pergunta de Melissa cortou meu diálogo interior.

— De nada — respondi, brusca. Não notara que estava rindo.

— Percebeu como o uniforme o deixa ainda melhor?

— Fala sério... Por que ele tem de ser tão incrível?

— Porque Jack é um idiota. Os idiotas são sempre incríveis — Melissa me lembrou.

Jack estava no topo do monte do arremessador, limpando a poeira na área situada à sua frente com a ponta do cleats. Ele posicionou os pés, colocou no joelho a mão com a luva e agarrou a bola com a outra mão. Os olhos focalizavam somente o receptor de seu time, agachado a dezoito metros de distância. Com um breve movimento de cabeça, Jack curvou-se para trás, com o corpo realizando um movimento muito fluido e suave.

Quando sua mão esquerda arremessou a bola, ela voou numa velocidade absurdamente rápida. O som do impacto da bola contra a luva do receptor foi tão alto que ecoou em todo o estádio. O rebatedor saiu de sua caixa e olhou, nervoso, para seu técnico antes de voltar à sua posição. Mais dois arremessos passaram sem que ele visse a cor da bola.

— Três bolas válidas e você está eliminado! — gritou o juiz principal, entusiasmado.

Então, a multidão explodiu em gritos de alegria.

Os caça-talentos se acotovelaram, comparando a leitura digital do número “150” nas telas de seus radares portáteis de velocidade.

— Caramba, ele arremessou a bola a cento e cinquenta quilômetros por hora! — disse um deles, de olhos arregalados.

— Eu falei que ele é bom.

Focalizei minha câmera no monte do arremessador, com os pés de Jack e a sua luva aparecendo no visor. *Clique*. Então, movi a lente para visualizar sua mão esquerda pegando a bola entre três dedos, com a costura em pontos vermelhos muito pouco visível. *Clique*. Jack levou a luva até o rosto, e todos os traços, exceto seus olhos castanhos, desapareceram atrás dela. *Clique*. Seu rosto se contraiu quando ele fez seu poderoso arremesso, com o olhar nunca se desviando do alvo. *Clique*. Os cabelos negros suados apareceram quando Jack tirou o boné e limpou o suor da testa com a manga da camisa. *Clique*.

Quando o primeiro tempo — ou *inning* — terminou, vi Jack sair do campo e se dirigir ao abrigo, sem olhar para a torcida nenhuma vez sequer. Imediatamente, ele reapareceu, usando um capacete azul-escuro e com dois tacos na mão. Girou os tacos como um moinho de vento, alongando os ombros. E quando se inclinou para alongar os tendões das pernas, as garotas gritaram, e os *flashes* das máquinas fotográficas estalaram.

— Vocês devem estar brincando comigo — comentei, olhando as garotas em volta tirando fotos.

— Espetáculo — foi tudo o que Melissa disse, sorrindo.

Jack caminhou completamente relaxado para a base do rebatedor. Comecei a pegar minha câmera, mas, então, recoloquei-a sobre meu colo. Já tinha fotografias suficientes de Jack.

O arremessador do time adversário iniciou seu movimento e, quando arremessou a bola, Jack deu um pequeno passo à frente antes de seus quadris girarem com seu impulso. O barulho da bola contra o taco metálico desapareceu rápido em meio a todos os aplausos. Com facilidade, Jack contornou a primeira base e acelerou na direção da segunda. O defensor externo lançou a bola para o interbase enquanto Jack deslizava impetuosamente na direção da base, com uma nuvem de poeira o envolvendo.

— Salvo! — o juiz principal gritou, com os braços estendidos em cada lado do corpo.

Jack fincou os dois pés sobre o alto da base empoeirada e removeu a poeira da camisa e da calça do uniforme. Eu estava completamente ligada.

Mau, mau, mau.

Ouvi um caça-talento dizer para o outro:

— Você cronometrou? — referindo-se à velocidade alcançada de Jack da base do rebatedor até a primeira base.

O outro caça-talento olhou para seu cronômetro e respondeu:

— Doze quilômetros por hora.

O primeiro caça-talento assentiu com a cabeça e registrou o valor no tablet.

A fotógrafa em mim não conseguiu mais se conter. Dei um *zoom* nas mãos de Jack, focalizando as luvas enquanto ele se afastava da segunda base com três passos largos. *Clique*. A cor escura de seus olhos, sombreados pelo capacete, davam-lhe uma aparência ameaçadora. *Clique*.

— Vai fazer um álbum de fotos de Jack para você? — Melissa quis saber.

— Não foi você que disse que eu precisava tirar fotos de ação?

— Não quis dizer que todas tinham de ser de Jack.

— Merda! — Cobri a lente com a tampa e rapidamente coloquei o botão de ativação na posição de desligar, onde ficou pelo restante do jogo.

Quando a partida chegou ao fim, Jack tinha arremessado em todos os nove *innings*, ou seja, os nove tempos de ataque, e só se deu por vencido

em uma corrida à base principal e em três rebatidas válidas. O resultado final foi de oito a um para nós. Peguei minha câmera e a coloquei na bolsa antes de voltar a olhar para o time celebrando no campo. O técnico levou Jack para a área da imprensa, onde foi cercado por repórteres, caça-talentos e torcedores.

Do campo, Jack lançou um olhar em minha direção. Aquele simples olhar me paralisou, e fui empurrada pelo torcedor que caminhava atrás de mim. Jack sorriu e voltou a dirigir a atenção para as câmeras e para os jornalistas.